

Referências bibliográficas

AGIER, M. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Mana, v. 7 n. 2. p. 7-33. 2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf. Acesso em: 21 de maio de 2007.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL-MEC, [1920] 1981.

APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.

ATKINSON, J. M. e HERITAGE, J. Transcript notation. In: _____. **Structures of social action. Studies in conversation analysis**. Cambridge, U.K: Cambridge University Press, 1984. p. 9-26.

BAKER, C. Ethnomethodological analyses of interviews. In: GUBRIUM, J. & Holstein, J. (eds.) **Handbook of interview research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001. p.777-795.

BARBOSA FERREIRA, I. C.; VASCONCELOS, A. M. N.; VILARINHO, A. A dinâmica populacional na história de Brasília, In: _____. **Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, Salvador, 2002.

BARTH, F. **Ethnic groups and boundaries**. The social organization of culture difference. Oslo: Universitetsforlaget, 1969.

BATESON, G. A theory of play and fantasy. In: _____. **Steps to an ecology of mind**. N.Y: Ballantine Books, 1972. p. 177-93.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Tudo é História, v. 75, 1983.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

BUCHOLTZ, M. & HALL, K. Language and Identity. In: _____. Alessandro Duranti, (ed.) **A Companion to linguistic anthropology**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 369-94.

BUCHOLTZ, M. & HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. In: **Discourse studies**. Londres: SAGE Publications, v. 7, n. 4-5, p.585-614, 2005.

CAIADO, Maria Célia Silva. **Estruturação intra-urbana na região do Distrito Federal e entorno: a mobilidade e a segregação sócioespacial da população**. Disponível em: R. bras. Est. Pop., São Paulo: v. 22, n. 1, p. 55-88, jan./jun., 2005.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos**. In: Rev. Bras. de Estudos Pop. Brasília: v.15, n.2. p.45-65, 1998.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e as transformações de seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Edusp, Ed. Itatiaia Ltda. Coleção Reconquista do Brasil, 2 série, v. 151, 7. ed., 1988.

CLAYMAN, S. **Reformulating the question**: a device for answering/not answering questions in news interviews and press conferences. Text, v. 13, n. 2, p.159-88, 1993.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos: EDUSP, 1997.

DAY, Dennis. Being ascribed, and resisting, membership pf an ethnic group. In: __.Ch. Antaki & S. Widdicombe. **Identities in talk**. London: Sage, 1998.

DE FINA, Anna. **Identity in narrative**: a Study of Immigrant Discourse. Philadelphia: John Benjamins, v. 3, 2003.

DE FINA, Anna. Group identity and self-representations. In: __. De Fina, Anna.; Schiffrin, Deborah & Bamberg, Michael. (eds.) **Discourse and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 351-75.

DENZIN, Norman & LINCOLN, Yvonna S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2.ed. Porto alegre: Artmed, [2003] 2006.

DOMS, M. & MOSCOVICI, S. Innovación e influencia de las minorias. In : _____. S. Moscovici. **Psicología social**, Barcelona: Paidós, 1991.

Estado de Goiás. Disponível em: <www.citybrazil.com.br/go/historia.htm>. Acesso em 09 de julho de 2006.

GAGO, P. C. **A organização seqüencial da conversa**. Revista Calidoscópio, v. 03, n.2, p.61-73, 2005.

GAGO, P. C. O espaço de transição de falantes em audiências de conciliação no procon: lugar relevante para o desacordo?. In: _____. **Recorte - revista de linguagem, cultura e discurso**. UFJF: v.3, n 5, jul. a dez. de 2006.

GALASINSKI, D. **Deceptiveness of evasion**. Text, v.16, n 1, p.1-22, 1996.

GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. N.Y., Harper & Row, 1974.

GOFFMAN, E. Replies and responses. **Language in society**, v.5, *issue 3* 1976. Cambridge University Press, 1976. p.257-313.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1963] 1988.

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, [1981] 2002.

GOFFMAN, E. A elaboração da face - uma análise dos elementos rituais na interação social. In: _____. FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 76-114.

GOFFMAN, E. Footing. In: _____. RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2002. cap. 5, p. 107-148.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes. 1985.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. [Logic and conversation] Traduzido por João Wanderley Geraldi. In: _____. DASCAL, Marcelo (org.) **Fundamentos da linguística contemporânea**. Campinas: UNICAMP, v.4, p.81-103, [1967] 1982.

GUMPERZ, J.J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University, 1982.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, [1982] 2002. cap. 6, p.149-82.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, S. The spectacle of the 'other'. In S. Hall (Ed.). **Representation. Culture representations and signifying practices** London: Sage-The Open University, 1997. p. 223-90.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: _____. GUIDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (org.). **Teoria social hoje**. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 1999.

História de Goiás. Disponível em: <www.ingego.org/BV_Historia_de_Goias.htm>. Acesso em: 09 de julho de 2006.

HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. In: _____. GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (eds.) **Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Rinehart and Winston, 1972. p.35-71.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 1970: Distrito Federal**. Rio de Janeiro: FIBGE, v. 1, Tomo XXIV, março, 1973. 218p.

JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Intérpretes: Evgen Bavar; Raimunda da Conceição Filha; Marieta Severo e outros. Europa Filmes, 2002. 1 filme (73min.), son., color.

LABOV, W. The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In: _____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 354-96.

LAING, R. D. Identidade complementar. In: _____. **O Eu e os outros - O relacionamento interpessoal**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LEVINE, J. M., & PAVELCHAK, M. A. Conformidad y obediencia. In: _____. S. MOSCOVICI. **Psicología Social**. Paidós: Barcelona, v.1, p.41-70, 1991.

Linde, C. **Life stories: the creation of coherence**. New York: Oxford University Press, 1993.

LINHARES, Andrey Aparecido Caetano. **A produção e a reprodução da identidade cultural caipira em Mossâmedes**. 2005. 119p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARIANO. Neusa de Fátima. **O Lugar do caipira no processo de modernização**. 2000. Disponível em: www.ub.es/geocrit/sn-69-22.htm. Acesso em: 10 de janeiro de 2008.

MARTINS, José de Souza. **A proibição da língua brasileira**. In: _____. *Jornal Folha de São Paulo*, 20 de julho de 2003.

MARTINS, José de Souza. **Línguas brasileiras: dialeto caipira**. Disponível em: <http://www.sosaci.rog/balaio2.htm>. Acesso em: 03 de junho de 2007.

MAYNARD, D. **Placement of topic changes in conversation**. Semiótica, n. 30, p. 263-90, 1980.

MELLO, M. **Brasília e a fragmentação territorial de seu entorno**. Goiânia: UFG, IESA, 1999.

MISHLER, E. G. **Research interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard, [1986] 1991.

MOITA LOPES, L. P. da (org.). Introdução. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica interrogando o campo como lingüista aplicado. In: ____ (org.) **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.13-44.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

Música Chico Mineiro. Disponível em: cifraclub.terra.com.br/cifras/tonico-e-tinoco/chico-mineiro-hjgs.html. Acesso em: 17 de maio de 2008.

NORRICK, N. Internal Narrative Structure. In: Norrick, N. **Conversational narrative**. Storytelling in everyday talk. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2000. p.27-45.

OLIVEIRA, R. C. Os (des) caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 42, p.7-21, 2000.

OLIVEIRA, Taís Leal de. **“Sei lá Maluco aí...”**: Estratégias de evitação de posicionamento do adolescente na construção de identidades masculinas. 2002. 158 p. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Livia Miranda de. **A co-construção de identidades em interações face a face entre pessoas com e sem afasia de expressão**. 2008. 145 p. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora.

O caipira e a construção da nacionalidade: as três faces do Jeca. Disponível em visconde sabugosa. Blogs.sapo.pt/2757.html-34k. Acesso em: 07 de fevereiro de 2008.

O Dialeto do interior paulista. Disponível em: www.universiabrasil.net/materia/materia.jsp?materia=8512>. Acesso em: 09 de julho de 2006.

O lugar do caipira no processo de modernização. Disponível em www.ub.es/geocrit/sn-69-22.htm-históriaadocaipira. Acesso em: 30 de julho de 2007.

PALACIN, Luís e MORAES, Maria Augusta de Sant’anna. **História de Goiás (1722-1972)** Goiânia: UCG, 2001.

PASSUELLO, Caroline Benevenuti e OSTERMANN, Ana Cristina. **Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção:** considerações sobre o gerenciamento de impressões. Estudos de Psicologia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: v.12, n.3, p. 243-251, 2007.

PEREIRA, Maria das Graças Dias & BASILIO, Margarida. **Estratégias de interação no discurso acadêmico falado:** análise do XI Encontro Nacional de Linguística. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. Introdução. In: _____. **Palavra 8**. Rio de Janeiro: Trarepa Ltda, 2002. p. 7-25.

PEREIRA, Maria das Graças Dias & BASTOS, Liliana Cabral. Afeto, poder e solidariedade em encontros de serviço em uma empresa brasileira. In: _____. **Palavra 8**. Rio de Janeiro: Trarepa Ltda, 2002. p. 167-208.

PEREIRA, Maria das Graças Dias, SILVEIRA, Sonia Bittencourt. Entre velhas e novas identidades na pós-modernidade: A construção de identidades de clientes de regiões do interior do país em uma central de atendimento telefônico. In: _____. MAGALHÃES, Isabel (org). **Práticas identitárias língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 235-270.

PESSOA, Érika Sibelle Saraiva de Araújo et al. **A mulher tupinambá e práticas culturais indígenas no Brasil colonial**. Caicó: UFRN, v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais. Acesso em: 08 de outubro de 2008.

PIRES, C. **Conversas ao pé do fogo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Edição fac-similar, [1921] 1987.

PLACER, G. F. Identidade, diferença e indiferença: o si mesmo como obstáculo. In: _____. LARROSA, Jorge e PÉREZ de Lara, Nuria (orgs). **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p.135- 151.

PRAXEDES, W. **O dialeto caipira**. Expressão não regulamentada de existência. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/073/73praxedes.htm - 38k. Acesso em: 02 de março de 2007.

RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2.ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RIBEIRO, B.T. & Pereira, M. das G. D. **A Noção de contexto na Análise do Discurso**. Veredas, v. 6, n. 2, p. 49-68, [2002] 2004.

RIBEIRO, B.T. & PEREIRA, M. das G. D. A Noção de Contexto na Análise do Discurso. In: _____. Caldas-Coulthard, C. R. & Cabral, L. S. **Desvendando Discursos:** conceitos básicos. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 45-78.

ROCHA, D. O. S.; SANT'ANNA, V. L. A.; DAHER, M. C. F. G.. **A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva.** Polifonia, Mato Grosso, v. 8, p. 161-180, 2004.

ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. In: _____. **Psicologia e sociedade.** São Paulo: v.14, n. 2. p. 74-94, 2002.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation.** Language , v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. **Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa.** Revista Veredas de Estudos Lingüísticos, v. 7, n. 12, p. 01-67, 2005. Tradução do original: A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. Language, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SACKS, H. **Lectures on conversation.** Oxford: Blackwell, 1992.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás.** São Paulo: Editora da Universidade, 1975.

SCHIFFRIN, D. **Narrative as self-portrait:** sociolinguistic constructions of identity. Language and society processes. v. 25, n. 2, p. 167-203, 1996.

SCHIFFRIN, D. Intonation and transcription conventions. In: _____. **Discourse markers.** Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1987. p. 9-10.

SILVEIRA, S. B.. **Entrevistas de emprego:** gerenciamento de tópico e de face. Palavra 8, 2002. p. 209-235.

TANNEN, D. "Oh talking voices that is so sweet": constructing dialogue in conversation. In: _____. **Talking voices: Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse.** Cambridge: Cambridge University \press,1998.

TANNEN, D. Appendix II. Transcription conventions. In: _____. **Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse.** Cambridge, Cambridge University Press, 1989. p.202-3.

TANNEN, D. & WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: _____. RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional.** São Paulo: Edições Loyola, [1982] [1987] 2002 Cap. 7, 183-214p.

TELES, J. M. **Hino do estado de Goiás.** 2001. Disponível em: ultradownloads.com.br/download/Hino-do-Estado-de-Goiias-MP3/ - 59k. Acesso em: 01 de julho de 2008.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales et al. **Da utopia à realidade:** uma análise dos fluxos migratórios para o Aglomerado Urbano de Brasília. 2006. Disponível em:

www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_299.pdf - p. 1-17. Acesso em: 04 de janeiro de 2007.

VILLALTA, L. C. Uma Babel colonial. In: _____. **Revista Nossa História**. Ano 1, nº. 5 / março de 2004, RJ p.58-63.

WIDDICOMBE, S. Identity as an analysts and a participants resource. In: _____. Antaki, C.; Widdicombe, S., **Identities in talk**. London: SAGE, 1998. p. 191-217.

ZILLES, A. M. S. O jeitinho brasileiro de falar português. In: _____. **Revista Entrelivros Biblioteca**. São Paulo, Duetto Editorial, 2005. p.72-75.

ZIMMERMAN, D.H. Discourse identities end social identities. In: _____. Ch. Antaki & S. Widdicombe. **Identities in talk**. London: Sage, 1998. p.87-106.

Anexos

Anexo I – Convenções de transcrição

Convenções de Transcrição	
Símbolos	Especificação
. ..	pausa não medida
(2.3)	pausa em décimos de segundo, medida relativamente ao ritmo prosódico do segmento no qual se encontra inserida.
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas (engatamento)
<u>sublinhado</u>	Ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
- - - - -	silabação (letra a letra)
repetições	reduplicação de letra ou sílaba
eh, ah, oh, ih, hum, ahã, humhum	pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção
“palavra”	fala relatada
:: ou :::	Alongamentos
hh	aspiração ou riso
.hh	Inspiração
[	Início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
[[	colchetes duplos no início do turno simultâneo (quando dois falantes iniciam o mesmo turno juntos)
()	fala duvidosa
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schifffrin (1987) e Tannen (1989) no âmbito da Análise do Discurso.

Anexo II – Transcrição das entrevistas com Sílvia

TURNO	LINHA	PESSOA	
1	001. 002	CIRLENE	Você, eh enquanto goiana se sente bem?
2	003. 004.	SÍLVIA	Como↑? Eu não GOSTO de ser goiana↑.
3	005.	CIRLENE	Por quê?
4	006. 007. 008.	SÍLVIA	Porque eh sei lá eh, eu acho esse sotaque... sei lá, eh MUITO CRITICADO, MUITO DISCRIMINADO.
5	009. 010. 011.	CIRLENE	Mas você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato assim :: de ser goiana?
6	012.	SÍLVIA	JÁ!Já sim.
7	013.	CIRLENE	Que tipo de discriminação?
8	014. 015. 016.	SÍLVIA	Ah! eh Eu viajei pro Rio aí? tudo eles ficavam me mandando <u>falar</u> um monte de coisas.
9	017.	CIRLENE	É mesmo?
10	018. 019. 020. 021. 022. 023. 024. 025.	SÍLVIA	Aí::, quando eu puxava o sotaque do goiano? lá no Rio hh, eles começavam a rir hh e ficavam me mandando falar um montão de coisas e eu puxava o sotaque goiano, eles riam e falavam: Ê GOIANA hh. Por isso?, que EU NÃO GOSTO.
11	026. 027. 028.	CIRLENE	Mas, você não acha que está equivocada,eh sei lá, em pensar assim?
12	029.	SÍLVIA	°Não°.
13	030.	CIRLENE	Por que não?
14	031. 032. 033. 034.	SÍLVIA	Porque, eh ou porque e e, por um lado..., eu tô discriminando quem eu sou, por outro lado, porque eh <eu acho feio o sotaque>.
15	035. 036.	CIRLENE	Quem disse pra você que esse sotaque é feio?
16	037. 038.	SÍLVIA	Eu acho hh, eu acho que é feio hh.
17	039. 040. 041. 042.	CIRLENE	Se alguém te perguntar onde você nasceu, alguém de Brasília↑, por exemplo, você vai dizer? a verdade ou vai tentar esconder?
18	043. 044. 045.	SÍLVIA	É claro? hh que eu vou tentar <u>esconder</u> hh vão me chamar de GOIANA hh.

19	046.	CIRLENE	É uma ofensa? É uma ofensa?
	047.		Prefere omitir do que dizer onde
	048.		você nasceu?
20	049.	SÍLVIA	Não eh, não é é uma ofensa,
	050.		mas...
21	051.	CIRLENE	Mas?
22	052.	SÍLVIA	Mas... eu prefiro↑ <omitir>
23	053.	CIRLENE	Prefere omitir do que e e falar
	054.		das suas verdadeiras origens?
24	055.	SÍLVIA	Ah! A minha família toda NINGUÉM
	056.		é daqui.
25	057.	CIRLENE	Sua família é de onde?
26	058.	SÍLVIA	Minha família é de MINAS, RIO DE
	059.		JANEIRO.
27	060.	CIRLENE	É? Você então prefere omitir, do
	061.		que enfrentar a situação?
28	062.	SÍLVIA	Eu preferia que não houvesse...
	063.		discriminação. Mas e e enquanto
	064.		houver e e a gente vai
	065.		omitindo↓,depois hh - o sotaque
	066.		do goiano é <u>feio</u> DEMAIS hh e EU
	067.		não me VEJO, entendeu? Entendeu?
	068.		hh E eu não me vejo eh, deixa eu
	069.		falar,e e como goiana. Não é que
	070.		é feio, eu não me VEJO como
	071.		goiana.
29	072.	CIRLENE	Você acha que é um problema dizer
	073.		que nasceu no estado de Goiás? É
	074.		algo ruim? Que te atrapalha?
30	075.	SÍLVIA	Não, não vai me atrapalhar em
	076.		nada, mas...
31	077.	CIRLENE	Mas?
32	078.	SÍLVIA	Eu não gosto não?, eu ouço <u>sempre</u>
	079.		dizer que goiano é BURRO que fala
	080.		ERRADO, que é ROCEIRO, que é
	081.		CAIPIRA. hh.
33	082.	CIRLENE	E você acha isso também?
34	083.	SÍLVIA	É <u>claro</u> que eu sei que não é,eh
	084.		mesmo assim, eh eu prefiro mentir
	085.		que sou de Brasília, ou ...
	086.		omitir.
35	087.	CIRLENE	Mas, por que você age assim?
36	088.	SÍLVIA	Porque ...EU NÃO ME VEJO,.hh
	089.		entendeu? entendeu? Como goiana.
37	090.	CIRLENE	Não, não entendi.

38	091.	SÍLVIA	Eu não me vejo, deixa eu falar,
	092.		eu não me vejo com esse sotaque.E
	093.		além do mais↓ , meus colegas me
	094		criticam MUITO.
39	095.	CIRLENE	Porque não enfrenta seus colegas,
	096.		não se assume como goiana?
40	097.	SÍLVIA	Eu acho MUITO MELHOR eu não
	098.		contar onde eu nasci do que
	099.		enfrentar as críticas dos meus
	100.		colegas.
41	101.	CIRLENE	Quando é que você começou a
	102.		sentir vergonha de dizer que era
	103.		goiana? <u>Que nasceu</u> aqui no estado
	104.		de Goiás?
42	105.	SÍLVIA	Depois que eu viajei.
43	106.	CIRLENE	Depois que você viajou? E aqui na
	107.		escola? Quando é que as críticas
	108.		começaram?Alguém aqui já pegou no
	109.		seu pé pelo fato de você ser
	110.		goiana?
44	111.	SÍLVIA	Já, já.
45	112.	CIRLENE	Em que sentido?
46	113.	SÍLVIA	hh Fica me chamando de goiana
	114.		Ah,sua goiana que não sei o que,
	115.		sua goiana , sua goiana↑, desse
	116.		jeito é porque dizem MUITO,
	117.		>claro que eu não concordo com
	118.		isso< <u>mesmo</u> não gostando que
	119.		falem, mas eu não concordo com
	120.		isso. Dizem que goiano é BURRO.
47	121.	CIRLENE	Por que dizem que goiano é burro?
48	122.	SÍLVIA	Não sei↑ mas <u>dizem</u> que goiano é
	123.		<u>burro</u> . >Claro que não é, só é
	124.		burro quem quer?>
49	125.	CIRLENE	Silvia, obrigada pela entrevista.
	126.		Espero que um dia você pense
	127.		diferente.

Anexo III – Transcrição das entrevistas com Vitória

TURNO	LINHA	PESSOA	
1	001.	CIRLENE	Em que cidade de Goiás você nasceu?
2	002		
3	003.	VITÓRIA	hh <Valparaíso>
4	004.	CIRLENE	Você tem vergonha↑ de dizer que nasceu em Valparaíso? Valparaíso fica no estado de Goiás..., por que você não falou↑?
5	005.		
6	006.		
7	007.		
8	008.	VITÓRIA	Ah, professora eh eu tenho vergonha? hh. Tem que falar e e que é do estado de Goiás? hh, se fosse pelo menos RIO DE JANEIRO hh – Eu falava que eu era da de, de Copacabana hh.
9	009.		
10	010.		
11	011.		
12	012.		
13	013.		
14	014.	CIRLENE	Ah, não, vitória. Mas, eh por que você pensa assim? Por que você tem vergonha de dizer que é goiana? Porque que você vergonha de se assumir, assim, como goiana tem essa vergonha? É ruim? Isso já te prejudicou em alguma, em alguma coisa?
15	015.		
16	016.		
17	017.		
18	018.		
19	019.		
20	020.		
21	021.		
22	022.	VITÓRIA	Não::, é porque eh goiano é é muito::ESTRANHO.
23	023.		
24	024.	CIRLENE	Estranho, por quê ? Quem colocou isso na sua cabeça? Quem disse que goiano é estranho, que o sotaque é estranho? Quem te disse isso?
25	025.		
26	026.		
27	027.		
28	028.		
29	029.	VITÓRIA	Ah, Sei lá... Porque <u>todo mundo</u> diz que GOIANO é CAIPIRA. Toda minha família fala isso e eu também acho o goiano caipira.
30	030.		
31	031.		
32	032.		
33	033.	CIRLENE	E... Você, assim,:: alguma vez eh você passou por uma situação constrangedora, assim eh pelo fato assim e e de você ser goiana, pela forma de falar↑, você puxar o erre, pelo fato de ter nascido em Goiás? Você já foi discriminada :: em algum?
34	034.		
35	035.		
36	036.		
37	037.		
38	038.		
39	039.		
40	040.		
41	041.	VITÓRIA	<u>Muita gente</u> já criticou meu erre, o povo ri MUITO quando eu puxo o erre só que HOJE não critica mais – Eu deixei de falar assim? e quando eu saio eh então aí é que eu disfarço↑ hh.
42	042.		
43	043.		
44	044.		
45	045.		
46	046.		

11	047.	CIRLENE	Você mudou a sua forma de falar por causa dos outros?
12	048.		
	049.	VITÓRIA	É!hh Também assim e e, goiano
	050.		fala muito estranho↑. Eu prefiro
	051.		dizer que sou do RIO DE JANEIRO
	052.		ou então brasiliense hh, <u>candanga</u>
	053.		hh - Aí eu falo SOU DE BRASÍLIA.
	054.		Eu não falo pra <u>ninguém</u> hh que eu
	055.		sou °daqui°
13	056.	CIRLENE	Agindo assim, você não acha que
	057.		piora a situação?
14	058.	VITÓRIA	De vários lugares,... saem bandas
	059.		legais, de Goiás só sai dupla
	060.		SERTANEJA. Eles falam tudo
	061.		<u>errado</u> . Goiás <u>também</u> é muito
	062.		desconhecido?. Na TV, falam de
	063.		tudo quanto é é lugar,estado,
	064.		Goiás quase nunca aparece, dizem
	065.		até que aqui só mora ÍNDIO. <u>Minas</u>
	066.		é é bem falado↑ no, no Brasil,
	067.		lugar de mulheres bonitas?
	068.		Agora, eh eu só digo que sou
	069.		<u>Goiana</u> hh se se se disserem hh
	070.		que sou °cearense°hh - Dizem que
	071.		nordestinho hh tem um CABEÇÃO hh.
15	072.	CIRLENE	Você só diz que é goiana...
16	073.	VITÓRIA	Só digo que sou Goiana↑ em último
	074.		caso hh.
17	075.	CIRLENE	O que você acha que é mais fácil,
	076.		você tentar combater eh essa,
	077.		essa, esse preconceito ou você e
	078.		e fingir e e dizer uma coisa que
	079.		você não é?
18	080.	VITÓRIA	Eu prefiro mesmo fingir. É
	081.		melhor.

Anexo IV – Transcrição das entrevistas com Ana

TURNO	LINHA	PESSOA	
1	001.	ANA	Quando eu cheguei aqui eh , eu não sabia que era desse jeito eh, porque quando eu <u>falava</u> as pessoas ... criticavam o jeito de falar, o meu erre eh, às vezes eu evitava até? falar na sala de aula. . Eu tinha o que, 10 anos, EVITAVA ATÉ FALAR.
	002.		
	003.		
	004.		
	005.		
	006.		
	007.		
	008.		
2	009.	CIRLENE	Mas... alguma vez você assim,eh nesses seus 10 anos, você já chegou a a sentir vergonha de dizer que era <u>goiana</u> , chegou a a mentir que era de um outro estado só pra :: esconder sua nacionalidade?
	010.		
	011.		
	012.		
	013.		
	014.		
	015.		
3	016.	ANA	NÃO, mentir eu não mentia não, mas eh igual eu falei eh, às vezes assim .hh, eu preferia ficar calada? do que escutar a crítica do...das pessoas.
	017.		
	018.		
	019.		
	020.		
4	021.	CIRLENE	Mas ficar calada resolvia?
5	022.	ANA	Não. Mas EU me sentia melhor. Outra também que teve e e, fui tirar carteira de motorista, na sala até MESMO a professora soltava as piadinhas de goiano. Pra ELA tudo era coisa DE GOIANO, alguma coisa errada? = tudo era coisa DE GOIANO, e e, depois ... dela falar isso, um aluno também começou a a criticar lá, Só que com <u>esse</u> eu acabei apelando um pouquinho, pelo fato também dele falar que tudo de errado que acontecia, tudo de ruim que acontecia era, era <u>coisa de de goiano.</u>
	023.		
	024.		
	025.		
	026.		
	027.		
	028.		
	029.		
	030.		
	031.		
	032.		
6	033.	CIRLENE	Por que você acha que isso acontece?
	034.		
	035.		
	036.		
	037.		
	038.		
	039.		

7	040. 041. 042. 043. 044. 045. 046. 047. 048. 049. 050.	ANA	Bom, porque o preconceito aqui é é MUITO grande. Eu vejo isso até pelas músicas - EU gosto muito DE SERTANEJO - as pessoas daqui criticam <u>muito</u> , mas quando vou a shows, assim eh o que mais tem é é os shows lotados e e num é o pessoal goiano que tá <u>lá</u> , eh mas... na hora de falar que gostam↑, eles <não assumem>, por vergonha↑.
8	051. 052. 053.	CIRLENE	Você acha que isso é construído culturalmente? O que leva essas pessoas a agirem dessa forma?
9	054. 055. 056. 057. 058. 059. 060. 061. 062. 063.	ANA	Bom,eh eu acho que o que leva? a isso é a questão da cultura MESMO, acho que por Goiás não ter tido eh uma importância <u>tão grande</u> na história - É, igual assim eh, os mineiros↑ mesmo eles puxam o erre também, mas a gente não vê tanta crítica em cima deles igual aos goianos?. Num é?
10	064. 065.	CIRLENE	Não sei. É você que está dizendo isso.
11	066. 067. 068. 069. 070. 071. 072. 073. 074. 075. 076. 077.	ANA	O que eu mais VEJO aqui são essas pessoas que SÃO GOIANAS, mas não assumem que são↑, nasceram no entorno, aqui↑, mas falam que nasceram em BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO :: qualquer lugar desses aí, menos? Goiás.Mas <u>elas</u> ...só estão ajudando a <u>aumentar</u> o preconceito não assumindo que são goianas. E e e eu mesma eh, eu falo que sou goiana e FAÇO QUESTÃO DE FALAR.
12	078. 079. 080. 081. 082. 083.	CIRLENE	Tá... mas é é como você conseguiu superar? Porque ::, no início você tinha vergonha de falar e tal↑ quando você veio aqui pro entorno! Como é que você conseguiu superar?

13	084.	ANA	Até mesmo conversando com minha mãe hh, e também assim eh, agora eu tô fazendo faculdade de <u>Letras</u> e é é a gente estuda isso também na lingüística - não existe um falar? mais bonito do que o outro↑.
	085.		
	086.		
	087.		
	088.		
	089.		
14	090.	CIRLENE	O que você acha que pode ser feito assim pra minimizar esse preconceito?
	091.		
	092.		
15	093.	ANA	Deve partir da gente mesmo?, dessas pessoas que não assumem serem goianas. Acho que também eh até nas escolas? os professores já estarem ensinando os alunos a a a a questão é é desse preconceito aí, pra diminuir, já tá...
	094.		
	095.		
	096.		
	097.		
	098.		
	099.		
	100.		
	101.		
16	102.	CIRLENE	Tá, o que?
17	103.	ANA	Ah! Tá na hora... desses ... professores começarem eh a tentar mudar isso daí, né? > ajudar a tentar mudar<, porque :: também eh, às vezes, eles ajudam a piorar a situação?. Incentivam ainda mais↑ no preconceito. JÁ VI MUITOS!
	104.		
	105.		
	106.		
	107.		
	108.		
	109.		
	110.		

Anexo V – Transcrição das entrevistas com Júnior

TURNO	LINHA	PESSOA	
1	001.	CIRLENE	Qual o seu nome, a sua idade,
	002.		local onde você nasceu?
2	003.	JÚNIOR	Meu nome é José Roberto de Almeida
	004.		Júnior, tenho 22 anos e nasci eh
	005.		<numa cidade chamada São Francisco
	006.		de Goiás>, uma cidade... do
	007.		interior de Goiás com cerca de
	008.		6.000 habitantes, HOJE.
3	009.	CIRLENE	Qual o motivo, assim, eh de você
	010.		ter se mudado aqui pra Cidade
	011.		Ocidental, por que você veio pra
	012.		cá para o entorno de Brasília?
4	013.	JÚNIOR	Foi porque eh meu pai foi
	014.		transferido pra cá eh, ele era
	015.		<bancário> e foi transferido? pra
	016.		agência daqui dessa cidade.
5	017.	CIRLENE	Tá... e e essa mudança assim, pra
	018.		você, foi algo bom, ou algo ruim?
	019.		Mudou alguma coisa?
6	020.	JÚNIOR	NA ÉPOCA, não me pareceu algo
	021.		bom, hoje? eu avalio como bom?,
	022.		mas explico agora, porque e e, de
	023.		início eu não achei. Eu tinha 13
	024.		anos, e e nós sempre moramos em
	025.		cidades tipicamente goianas, né?
	026.		de interior MESMO, então
	027.		acostumado <ao ritmo dessas
	028.		cidades>, à receptividade do, do
	029.		povo, tudo isso. E aqui, por ser
	030.		uma cidade do entorno de Brasília,
	031.		ela não é habitada e e somente por
	032.		goianos. Tem pessoas aqui do
	033.		<u>nordeste</u> , do <u>sudeste</u> , enfim, da,
	034.		de, de eh todas as regiões do
	035.		Brasil, praticamente, então, é um
	036.		CHOQUE de culturas aqui. E não
	037.		foi diferente pra mim?, assim e e,
	038.		tanto vendo o lado do outro?,
	039.		quanto o outro? também vendo o meu
	040.		lado, né?
7	041.	CIRLENE	É é é, mas nessa questão aí do e e
	042.		o outro vendo o seu lado, o que
	043.		você quer dizer com isso, e você
	044.		vendo o lado do outro, explique-se
	045.		melhor, por favor.

8	046. 047. 048. 049. 050. 051. 052. 053. 054. 055. 056.	JÚNIOR	>Porque quando eu vim pra cá<, eu vim com aquele sotaque CARREGADO, né? puxando o erre, com gírias também tipicamente de Goiás†. Tudo isso, então, eh meu primeiro contato social foi na escola, e e os colegas de sala sempre quando eu falava? alguma coisa, é, sempre me olhavam <de lado>, eu já percebia certos buchichos entre eles, né? Comentando.
9	057. 058.	CIRLENE	Mas. eles também não eram goianos, ou...
10	059. 060. 061. 062. 063. 064.	JÚNIOR	Não, a grande parte, pelo menos pelo que eu sei não. Mas tinham alguns ali ? que eram <u>sim</u> , só que, mesmo assim, estavam dentre aqueles que é é tiravam sarro da minha maneira de falar.
11	065. 066.	CIRLENE	Mas tiravam sarro em que sentido assim, como?
12	067. 068. 069. 070. 071. 072. 073. 074. 075. 076. 077.	JÚNIOR	eh, às vezes† ,quando eu falava, puxava o erre, alguma coisa, eu sempre escutava frase do tipo "eh,esse aí? é GOIANO do pé RACHADO", ou, às vezes, não necessariamente, quando eu cometia um erro?, ou alguma coisa assim, mas qualquer coisa era motivo pra falar assim "eh, SÓ PODIA SER GOIANO". Enfim..., esse tipo de chacota eu ouvia muito::.
13	078. 079.	CIRLENE	Tá, e e... Como você se sentia em relação a isso?
14	080. 081. 082. 083. 084. 085. 086. 087. 088. 089. 090. 091. 092. 093.	JÚNIOR	<u>Menosprezado</u> . Porque assim..., eram várias pessoas e eu uma pessoa só, né? eh, Aquelas pessoas..., de certa forma ,fazendo parte de um grupo e °eu° tendo que tentar me inserir neste grupo, porque enfim eh era um grupo que eu iria conviver durante, pelo menos, aquele ano, né? Então era <u>bem complicado</u> , eu me sentia constrangido, às vezes envergonhado::, às vezes, muito† irritado† com o que ocorria, enfim, era constrangimento MESMO.

15	094.	CIRLENE	É é, mas o que você acha assim, né? Que ocasionou esse preconceito, esse problema com relação ao falar do goiano? Você acha que isso foi assim... construído historicamente, o que que você acha? Pelo seu conhecimento, porque eu sei que hoje você é um rapaz formado né? Fez um curso superior em Brasília, né? Então, o que que você pensa sobre?
16	106.	JÚNIOR	EU ACREDITO que seja uma imagem, uma, uma, uma imagem criada historicamente, porque, assim eh, se o único problema deles, fosse a questão de sotaque carregado, nós temos o mineiro, nós temos o paulista, que também puxam bastante o ERRE, têm suas gírias, mas, por exemplo, Minas e São Paulo, acredito que não, não tenham essa mesma visão, por que? Porque foram estados que na <u>história do Brasil</u> tiveram MUITO DESTAQUE, acho que isso? pode ter influenciado. GOIÁS, e e apesar de ser um estado muito:: rico, possuir uma cultura riquíssima, é é parece que, para o resto do Brasil, mas, principalmente, pra quem reside nessa região se resume a pessoas que puxam o erre, AO CAIPIRA que forma dupla sertaneja :: , imagem que parece que eles têm de Goiás é essa.
17	130.	CIRLENE	Como um matuto, alguma coisa assim?
18	132.	JÚNIOR	É, um <u>matuto</u> , um <u>caipira</u> , alguém não dotado de conhecimento mesmo pra, pra se, pra se virar sozinho, esse tipo de coisa, e que, às vezes, pra se dar bem na vida, monta uma dupla sertaneja?.

19	138.	CIRLENE	Tá, você pelo fato assim de você
	139.		ter uma nacionalidade goiana, e
	140.		pelo que você já me afirmou aí,
	141.		você já teve muitos problemas na
	142.		escola. Na faculdade, já que você
	143.		estudou em Brasília, né?, Dava bem
	144.		pra você perceber isso aí, é é,
	145.		você chegou a a a sentir isso
	146.		também ou já era diferente, né?,
	147.		As pessoas com um nível já de...
20	148.	JÚNIOR	Ainda..., na época da escola,
	149.		houve vezes em que eu não quis ir
	150.		à <u>aula</u> , né? Por conta disso,
	151.		ficava bastante IRRITADO,
	152.		conversei bastante :: com os meus
	153.		pais, porque assim eh, eles vieram
	154.		pra cá também..., sotaque
	155.		basicamente o mesmo que o meu, mas
	156.		eram adultos↑ , e pelo que eu via,
	157.		sabiam lidar melhor com isso,
	158.		tanto no ponto de, às vezes, é é
	159.		não apelar por conta disso, ou dar
	160.		respostas também educadas, mas que
	161.		cortavam a pessoa . Então, até
	162.		porque com o tempo, eu, eu, eu não
	163.		perdi a essência↑ do sotaque
	164.		goiano, mas a <u>convivência</u> com o
	165.		povo daqui? certamente me, me
	166.		tirou algumas características, por
	167.		exemplo eh , você vai perceber que
	168.		eu não puxo tanto o erre mais, né?
	169.		Mas °assim°
21	170.	CIRLENE	Você não deixou de puxar esse erre
	171.		não foi porque...
22	172.	JÚNIOR	Não, não foi porque... pelo
	173.		contrário, se eu tivesse↑ , se eu
	174.		conseguisse↑ , eu teria mantido
	175.		isso aí, mas é porque a
	176.		convivência acaba levando você a
	177.		isso, mas em qualquer lugar <que
	178.		eu chego >, independente da pessoa
	179.		me conhecer ou não, ela já
	180.		identifica que eu sou goiano.

23	181.	CIRLENE JÚNIOR	Por quê?
	182.		Porque a essência do sotaque EU
24	183.		NÃO PERDI, né? E na faculdade, eh
	184.		apesar de já ter perdido bastante
	185.		dessa característica do sotaque?,
	186.		mesmo assim, ainda as pessoas já
	187.		me perguntavam logo, de cara "você
	188.		é goiano, né? ", na verdade me
	189.		perguntavam assim "você é goiano?
	190.		ou mineiro? ", eu falava "GOIANO",
	191.		mas na faculdade e na escola eu
	192.		sempre procurei dar <o melhor de
	193.		mim>, até mesmo antes de vir pra
	194.		cá, então foi uma das, das, das
	195.		formas que eu utilizei pra me, me
	196.		impor, né? E mostrar que eu tenho
	197.		<u> muito orgulho</u> de onde vim, né? DO
	198.		QUE SOU, utilizei bastante:: esse
	199.		tipo de argumentação, até porque
25	200.		assim eh, a imagem que eles têm é
	201.		eh, goiano é burro?, goiano é
	202.		tapado ?, né? Eu, por exemplo, na
	203.		sala de aula, eu sempre me
	204.		destaquei, mas mesmo assim↑ ,
	205.		persistia o preconceito.
	206.	CIRLENE	Mas, essa questão de, de ser
	207.		destaque aí, você não pensava
	208.		assim "não, eu sou goiano, eu
	209.		tenho que mostrar que, que eu
	210.		sou... que eu não sou é assim
	211.		inferior", não foi isso que te
	212.		levou a querer ser sempre melhor,
	213.		você ter que se desdobrar pra
	214.		mostrar que você não era menor em
	215.		questões culturais?

26	216. 217. 218. 219. 220. 221. 222. 223. 224. 225. 226. 227. 228. 229. 230. 231. 232. 233. 234. 235. 236. 237. 238. 239. 240. 241. 242. 243. 244. 245. 246. 247. 248. 249. 250. 251. 252.	JÚNIOR	Não↑ , não eh essa questão de querer fazer <u>bem feito</u> as coisas era, era anterior a essa mudança pra essa região, mas não vou negar↑ que esse, esse eh tipo de preconceito me deu mais forças ainda mais pra melhorar, manter ou melhorar. Na faculdade mesmo é é , tive que cortar às vezes. Muitas vezes, alguns colegas que vinham com algumas brincadeiras, mesmo em tom de brincadeira eu já cortava pra, cortava educadamente?, né? eh quero ressaltar aqui?.hh, mas cortava↑ .Teve um professor que ... inclusive, foi foi meu orientador de monografia, um cara, que que me deu aula durante três semestres, se eu não me engano, e e e até com ele, eu me desentendi uma vez... porque um dos meus colegas soltou uma piadinha sobre goiano, e ele foi e ratificou, e eu até? falei pra ele que se, se, se o intuito da gente é é ter acesso ao conhecimento, é é estudar realmente?, poder analisar↑ e criticar↑ as situações. Se eu fosse estudar DESSE TANTO pra ficar com essa mentalidade de senso comum que ele demonstrou ali?, eu preferia não estudar MESMO. Ele ficou bastante:: constrangido, pediu mil desculpas e e e depois disso, nem ele e nem a sala soltou mais, mais piada não.
27	253. 254. 255. 256. 257.	CIRLENE	É é, quais frases assim preconceituosas que você mais ouviu na sua... desde que você veio pra Ocidental, na sua vida escolar, na sua...?

28	258.	JÚNIOR	eh, que eu me lembre e e quem erra
	259.		uma vez é humano↑, duas? é
	260.		<u>goiano</u> ", mas enfim eh, foi esse
	261.		tipo assim, eles falam... teve uma
	262.		vez eu eu ouvi também que a melhor
	263.		universidade é a de Goiás MESMO,
	264.		porque pra formar um goiano tem
	265.		que ser muito :: boa, esse tipo de
	266.		coisa eu sempre ouvi.
29	267	CIRLENE	Tá, e e o que você diria hoje
	268		tanto pra os goianos que vêm viver
	269.		aqui ou para as pessoas de outros
	270.		estados que também vêm viver aqui
	271.		com relação a isso aí? Que
	272.		conselhos você daria pra os dois
	273.		lados?
30	274.	JÚNIOR	Que eh procurem conhecer não só a
	275.		cultura goiana, como todas as
	276.		<u>outras</u> porque todas elas têm é é,
	277.		muita coisa boa pra ser, ser
	278.		vista?, ser admirada ?, ser
	279.		analisada ?, relativizada <u>também</u> ,
	280.		o que tiver de melhor, porque
	281.		assim, gente BURRA, gente FEIA, é
	282.		é, gente é é desonesta, isso Aí
	283.		não tá vinculado a a a
	284.		nacionalidade né, é a mentalidade
	285.		:: mesmo, é a questão de, de , de
	286.		<u>caráter</u> , de <u>interesse</u> , enfim, não
	287.		só pra goiano, mas pra seja quem
	288.		for, que procure REALMENTE
	289.		conhecer e ter uma visão crítica?,
	290.		mas crítica não no sentido
	291.		destrutivo, né? eh, Mas é é, no
	292.		sentido BOM mesmo da crítica.
31	293.	CIRLENE	Tá bom, muito obrigada pela
	294.		entrevista, ok?
32	295.	JÚNIOR	Tudo bem.